

# Investimento

## Rota da Seda revitalizada

A Silk Invest lança hoje dois fundos de investimento dedicados a África e ao Médio Oriente. Acredita que é lá que está a estabilidade, no meio do caos dos mercados

Ana Rute Silva

Foram dois meses na estrada a viajar de carro pela Europa à procura de investidores. Zin Bekkali, Daniel Broby e Baldwin Berges acreditam que a Rota da Seda está de volta. E que África será o novo mercado emergente. O novo BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) onde se deve investir enquanto os mercados recuperam do colapso financeiro.

“Tornámo-nos menos ingénuos com a crise, mas nada mudou em África”, diz Zin Bekkali que fundou a Silk Invest em Junho de 2008. Em parceria com o alemão DZ Bank, a boutique de investimento sediada em Londres lança hoje dois fundos domiciliados no Luxemburgo no total de 20 milhões de euros.

O African Lions Fund e o Arab Falcons Fund tem investidores de Portugal, Itália, Luxemburgo e Suíça. Sem revelar mais detalhes, Zin Bekkali, de dupla nacionalidade alemã e marroquina, garante que o capital português “representa uma grande parte dos activos”. “Mais do que outros países, Portugal compreende bem a nova África devido à sua ligação com Angola”, justifica.

África do Sul, Nigéria, Marrocos, Egipto, Tunísia, Quênia, Botswana, Gana, Maurícias são os países em que a Silk Invest está a apostar no fundo africano, que inclui empresas do sector financeiro, construção civil, retalho ou transportes.

Angola não está incluída por não ter ainda bolsa de valores. No fundo árabe o investimento é dividido por 12 sectores de negócio diferentes (maior peso para turismo, serviços financeiros, materiais de construção) e nove países, desde o Bahrein ao Kuwait.

### Uma nova rota à espera de mais investimento

Os mundos árabe chinês e africano estão mais ligados do que nunca. Para alguns especialistas, acontecimentos como a emergência da economia chinesa, a subida do preço do petróleo e o 11 de Setembro de 2001 revitalizaram a Rota da Seda, que é mais do que uma simples ligação comercial. São economias ligadas pela história, a geografia e a religião (há 20 milhões de muçulmanos na China).

O investimento intra-árabe, por exemplo, só começou a aumentar depois de 2001 e segundo as Nações Unidas está concentrado em apenas alguns países, nomeadamente Líbano, Síria, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Os fundos de investimento árabe olham, agora, com mais interesse para as nações em desenvolvimento, obrigando as economias ocidentais a competir pela captação desse apetecido capital estrangeiro.

As trocas comerciais entre a China e África atingiram os 106,8 mil

milhões de dólares em 2008 (mais de 79 mil milhões de euros), uma subida histórica de 45 por cento face ao ano anterior.

Segundo o China Daily, que cita dados da Direcção-Geral das Alfândegas, os bens exportados valeram 50,8 mil milhões de dólares (cerca de 37,6 mil milhões de euros), enquanto as importações subiram 54 por cento para 56 mil milhões (cerca de 41,5 mil milhões de euros). O objectivo estabelecido pelo governo chinês de atingir 100 mil milhões de dólares de trocas comerciais com África até 2010 já foi atingido.

“A China tem interesse em fazer negócio em África. O comércio entre as duas regiões passou de 32 mil milhões de dólares em 2005 para 107 mil milhões”, diz Zin Bekkali.

Tudo começou com a seda. A China começou a exportar para a Índia, por terra, 600 anos a.C. e para o Próximo Oriente em 114 a.C. A rota foi utilizada até ao início da Idade Moderna.

“China e Índia partilham valores com África e formas de trabalhar. É mais fácil fazer negócio”, continua Bekkali, que foi responsável de desenvolvimento de negócio do Fortis Investments antes de se lançar por conta própria.

Já em 2006 Harry Broadman, assessor económico do Banco Mundial, dizia que a “nova Rota da Seda tem potencial para oferecer à África Subsariana - onde moram 300 milhões das pessoas mais pobres do mundo - uma significativa e, até à

**As trocas comerciais entre África e China aumentaram 45 por cento em 2008 para 106,8 mil milhões de dólares**

data, rara oportunidade para acelerar a sua integração internacional e crescimento”.

“Um número crescente de negócios chineses e indianos com actividades em África está a funcionar numa escala global, utilizando tecnologias de classe mundial, produzindo bens e serviços de acordo com os padrões mais exigentes e promovendo a integração dos negócios africanos em mercados avançados”, continuava.

### Fraca exposição à crise e ganhos sólidos

Zin Bekkali acredita no potencial desta nova rota da seda. Mostrando um gráfico, diz que o peso da Europa Ocidental no PIB Mundial passou de 26 por cento em 1950 para uma projecção de 10 por cento em 2050, altura em que a Ásia valerá 50 por cento da riqueza mundial e a África e o Médio Oriente 14 por cento.

“A próxima geração de investidores vai perceber melhor esta vantagem. Mas actualmente as acções destes mercados esperam um crescimento de ganhos sólido devido à fraca exposição à economia global. África mantém-se estável, ao contrário da China”, diz.

Na lista de empresas na mira da Silk Invest está a Safaricom, do Quênia, que tem 11 milhões de subscritores e receitas de 750 milhões de dólares, ou o banco Attijariwafa, de Marrocos, que recebe muitas das remessas dos imigrantes.

Há também a Qatar National Na-

vigation ou a SAFCO, empresa de fertilizantes da Arábia Saudita, em expansão.

Daniel Broby, responsável pela área de investimento da empresa e um dos fundadores da Danfunds Frontier Funds (um fundo de cobertura de risco registado nas ilhas Caimão), sublinha que estes são mercados “onde o dinheiro é respeitado”.

Baldwin Berges, director de desenvolvimento de negócio, que passou pela Standard Asset Management e Invesco, acrescenta: são empresas que oferecem produtos simples para pessoas simples.

Os velhos fundamentos já não vigoram num mundo em transformação. E a Silk Invest acredita que esta é uma boa altura para investir nos países árabes e africanos que reestruturaram a sua economia e estão “bem posicionados para lucrar mais com a próxima fase da globalização”.

O presidente executivo e fundador da empresa argumenta ainda que a maioria dos mercados “tem as mesmas infra-estruturas que os países ocidentais”.

A ideia de Zin Bekkali nasceu antes da crise e fez o empreendedor ajustar o projecto dos dois fundos de investimento. Inicialmente, previu juntar 50 milhões de euros, mas desceu a fasquia para os 20 milhões.

“Os investidores ficaram menos confiantes e desde a crise o nosso trabalho ficou mais difícil”, assume, sublinhando que a turbulência financeira veio reforçar ainda mais a convicção de que esta é a melhor altura para apostar nos mercados da Rota da Seda.

“Os investidores tem de ter pelo menos quatro por cento de investimento nestes mercados”, defende o belga Baldwin Berges. E remata: “Se eu fosse extraterrestre pensaria: Porque é que 80 por cento do dinheiro não está investido em 80 por cento da população do mundo?”.

**Velha rota oferece novas oportunidades**



ZAHID HUSSEIN/REUTERS